

## A DOIDA DO CANDAL: DA OPÇÃO PELA INFELICIDADE À FELICIDADE DA OPÇÃO

### A DOIDA DO CANDAL: FROM THE CHOICE OF UNHAPPINESS TO THE HAPPINESS OF CHOICE

Francisco José Sampaio Melo<sup>1</sup>

#### RESUMO

Analizamos a novela passional *A doida do Candal*, do escritor português Camilo Castelo Branco, para rastrear nela as contradições típicas do Romantismo camiliano que levam as personagens centrais às situações de felicidade ou infelicidade no desenvolvimento do enredo. Constatamos que a dimensão trágica está presente, sobretudo, nas personagens femininas classificadas como “mártires do amor”, quais sejam: Maria de Nazaré, Margarida das Dores e Lúcia Peixoto. Na análise, verificamos que, no desfecho, há uma concessão aos padrões românticos, pois o casal Álvaro e Júlia, rodeados de filhos e netos, são um exemplo de felicidade.

**Palavras-chave:** Camilo Castelo Branco; *A doida do Candal*; Romantismo português.

#### ABSTRACT

We analyzed the passionate novel *A Doida do Candal* (meaning *The Lunatic Woman from Candal*), by Camilo Castelo Branco, to trace the typical contradictions of camillian Romanticism that lead the protagonists to situations of happiness or unhappiness. We found that the tragic dimension presents itself, above all, in female characters classified as “martyrs of love”, which are: Maria de Nazaré, Margarida das Dores, and Lúcia Peixoto. Our analysis shows that, in the outcome, there is a concession to romantic standards, as the couple Álvaro and Júlia lives very happily, surrounded by children and grandchildren.

**Keywords:** Camilo Castelo Branco; *A doida do Candal*; Portuguese Romanticism.

## 1 INTRODUÇÃO

Analizamos a novela passional *A doida do Candal*, do escritor português Camilo Castelo Branco, para rastrear nela as contradições típicas do Romantismo

---

<sup>1</sup> Professor Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, professor emérito de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Piauí – IFPI, fjosemeloo@gmail.com.

camiliano que conduzem as personagens centrais às situações de felicidade ou infelicidade no desenvolvimento do enredo. Consideramos enquanto problema fundamental a dimensão trágica da narrativa em estudo, sobretudo, nas personagens femininas classificadas como “mártires do amor”, quais sejam: Maria de Nazaré, Margarida das Dores e Lúcia Peixoto. Consta como nosso objetivo a pesquisa dos relacionamentos que se estabelecem entre as mulheres vitimadas pela paixão que as conduz ao infortúnio de uma vida trágica. A análise justifica-se por retomar um texto pouco estudado do consagrado mestre do Romantismo português e um dos escritores mais importantes do Portugal oitocentista. Para chegar ao nosso propósito, partimos da seguinte metodologia: primeiramente realizamos a leitura da novela passional camiliana com vistas à coleta de dados textuais sobre as situações trágicas vivenciadas pelas mulheres que protagonizam a obra em análise. Assim, apresentamos passo a passo as situações vividas por cada uma delas, em especial Maria de Nazaré, desde o início de sua trajetória até o episódio final. Na análise, verificamos o estigma do sofrimento amoroso que faz a infelicidade daquelas mulheres martirizadas pelo amor. Mas, sem deixar de observar também a sutileza do autor português que, no desfecho, faz uma concessão aos padrões românticos, pois o casal Álvaro e Júlia, rodeados de filhos e netos, são um exemplo de felicidade. Chegamos finalmente à conclusão que Camilo Castelo Branco, apesar de dar à narrativa uma dimensão trágica, demonstrou a possibilidade final típica do Romantismo de sobrepor a felicidade à infelicidade.

## **2 A DOIDA DO CANDAL NA OBRA DE CAMILO CASTELO BRANCO**

Camilo Castelo Branco é considerado um mestre da novela passional do Romantismo português. *Amor de perdição* (1862), sua obra-prima, é um exemplo paradigmático desse tipo de novela que repete a técnica folhetinesca do sentimentalismo desmedido e das emoções descontroladas. *A doida do Candal* (1867) inclui-se entre as novelas passionais escritas por ele, embora sem o mesmo sucesso alcançado pela história do amor de Simão Botelho e Teresa de Albuquerque. Em sua composição, *A doida do Candal* vem estruturada em 37 capítulos mais a conclusão, de conformidade com os padrões de quantidade de

páginas utilizados nas novelas camilianas, visto que o gênero novela não é tão extenso quanto o romance nem tão curto como o conto, numa zona narrativa intermediária que não permite a complexidade do romance nem a ligeireza do conto.

Para Alexandre Cabral, no *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, *A doida do Candal* não se limitaria simplesmente à classificação recorrente de uma novela passional, posto que o texto camiliano não seria apenas o relato da trágica história do amor entre Marcos Pamplona e Maria de Nazaré, tristemente alcunhada de “a doida do Candal” como estampa o título da novela. Para o dicionarista, a obra de Camilo Castelo Branco em questão seria “uma crítica virulenta à prática dos duelos, em voga no tempo como desagravo em pontos de honra” (Cabral, 1989, p. 240). Daí explica-se a dedicatória do livro ser à honrada memória de José Júlio de Oliveira Pinto, morto em duelo, em 1867. Teríamos, então, o célebre autor romântico português a impor uma tese dentro de uma novela reconhecidamente passional.

Na advertência que abre a novela, o autor informa que ouviu a história que consta no livro de um “cavalheiro que lustra entre os mais grados das províncias do norte” (Castelo Branco, 1980, p.17), ou seja, ele a ouviu de Álvaro Freire Pamplona, quando este, já com filhos e netos, cinco décadas após o lamentável episódio do duelo que resultou na morte do pai daquele nobre cavalheiro, contou ao escritor os episódios trágicos de sua família. Completa, então, o autor que “passados dias, mostrou-me um livro in-fólio manuscrito, facultando-me o traslado do que merecesse ser contado. Aqui está a origem deste romance” (Castelo Branco, 1980, p.18). Na abertura da narrativa, tal recurso visa assegurar ao leitor o caráter de verdade, de história verídica, que garante a veracidade da história a ser registrada nas páginas do livro.

### **3 DA OPÇÃO PELA INFELICIDADE À FELICIDADE DA OPÇÃO**

Para Jacinto do Prado Coelho, Camilo Castelo Branco cultua, em suas novelas passionais, uma “dialética da dor” (Coelho, 1982, p. 308-309), isto é, o crítico português entende que nelas há um senso do trágico, uma opção pela infelicidade, pela tristeza de almas moldadas no sofrimento. No entanto, em *A doida*

*do Candal*, para, além da opção pela infelicidade característica do autor, há um núcleo formado pelo casal Álvaro Freire Pamplona e Júlia da Soledade, que se eleva como um exemplo de felicidade conjugal, pois, cercado de filhos e netos, vivem dias felizes, numa casa bucólica no Marão, no norte de Portugal. Podemos afirmar que, das sucessivas tragédias que marcam majoritariamente a narrativa, emerge, impregnada do idealismo romântico, uma família que se apresenta feliz no desfecho da narrativa.

A “dialética da dor” comparece logo no capítulo primeiro da obra, quando o narrador começa a delinear as situações conflituosas que perpassarão toda a narrativa. O narrador faz a apresentação do protagonista: Marcos Freire Pamplona. Herói romântico, Marcos desafia as convenções sociais ao tomar como amante uma jovem da classe média, filha de mercadores abastados, logo ele que é um jovem fidalgo das melhores linhagens do Porto, cujo pai Cristóvão Freire mantém-se intransigente e não aceita a ligação do filho com Maria de Nazaré, filha de Tomé Tamanqueiro, muito menos o neto gerado dessa aventura amorosa do filho. A impossibilidade de casamento entre um nobre e uma pequena burguesa trata-se de um tema recorrente na prosa romântica. E Camilo, como um bom romântico, vale-se dessa temática em suas novelas passionais, em especial na obra aqui analisada.

Maria de Nazaré é uma heroína romântica por excelência. A ela se sobrepõem vários estigmas que a farão sofrer ao longo de toda narrativa: ela é uma moça de família simples ao contrário de Marcos, seu amante nobre. Tal origem humilde lhe causará muito aborrecimento, visto que não será socialmente aceita pela fidalguia portuense, em especial pelo pai de Marcos, que a despreza abertamente; ela abandona o lar dos pais para ser amante de Marcos e passa a viver numa casinha campestre, no Candal, para onde lhe leva o amante; com a morte de Marcos, ela perde a razão e, vitimada pela loucura, é enviada a um hospício em Lisboa para um tratamento que não lhe trará de volta a saúde psíquica; sem o consolo da presença do amado filho, que lhe é tirado para morar com o avó paterno na cidade, definha e morre.

Maria de Nazaré é uma personagem trágica, cuja felicidade que anteviu na casinha do Candal, onde sonhou que poderia ser feliz ao lado de Marcos e de seu filho Álvaro, lhe foi subtraída pelos muitos sofrimentos que lhe foram impostos pela

loucura e morte como desfecho de uma vida infeliz, conforme atestam as palavras do narrador: “os sonhos de Maria não tinham implantado mais adiante a baliza da felicidade” (Castelo Branco, 1908, p. 22). A casinha do Candal, descrita como um paraíso, um “ninho campestre da sua Eva é o Éden do Candal [...] As acácias vestem as estátuas de festões e os passarinhos cantam cá fora as delícias que lá vão dentro” (Castelo Branco, 1980, p.26), um lugar aprazível, com clima de eterna primavera, poderia garantir à Maria a tão sonhada felicidade. Entretanto, Maria só conhecerá a dor e a tristeza naquele “ninho de amor”.

A heroína trágica traz o estigma no próprio nome: Maria de Nazaré remete à figura bíblica da mãe de Jesus, também ela uma mulher de muitas dores, e remete também à desprezível cidade de Nazaré, no contexto bíblico, uma bem pequena cidade da infância de Jesus, no norte daquela que era conhecida como a “Galileia dos gentios”, ou seja, dos pagãos pelos quais os judeus nutriam um visível desprezo por aqueles não comungarem da mesma fé em Deus. Tal discriminação verifica-se numa passagem do Evangelho de João, no capítulo I, versículo 46, quando Natanael perguntou a Filipe: “De Nazaré pode sair algo bom?” (Bíblia Sagrada, 2001, p. 1395). O mesmo juízo discriminatório do Natanael bíblico tantas vezes fora dirigido à Maria de Nazaré pela fidalguia portuense que não conseguia ver nada de bom na “doida” do Candal.

No capítulo II, intitulado *O espadachim*, o narrador se nos apresenta mais dois personagens centrais desta narrativa camiliana, quais sejam: os irmãos Lúcia e Simão Peixoto. Nos moldes dos folhetins românticos, há a manipulação maniqueísta das personagens, ou seja, elas pertencem ao núcleo do bem ou do mal. Lúcia Peixoto, à semelhança de Mariana do *Amor de perdição*, nutre uma paixão que sabe que não poderá ser correspondida pelo homem a quem ama. Ela ama Marcos, mas ela está consciente de que ele ama Maria de Nazaré, eleita sua amante e de quem tem um filho pelo qual tem verdadeiro carinho. Lúcia abnegadamente se entrega a esse amor que muito lhe fará sofrer apesar dos obstáculos, que são muitos, entre eles, lembremos a oposição de seu irmão Simão.

Simão, um dos vilões mais sórdidos da prosa de ficção camiliana, quer afastar sua irmã Lúcia da posse da herança dos pais que cabe a ela por direito. Para isso, planeja encerrá-la num convento e eliminar a possibilidade de Lúcia vir a contrair

casamento e assim ter de partilhar os bens da família, que, numa ambição desenfreada, deseja só para si. No entanto, para realizar seu intento ambicioso, o antagonista deverá enfrentar a determinação obstinada do seu primo e protagonista Marcos. Na defesa de Lúcia, ele desafia Simão e luta para que ela não seja deserdada pelo inescrupuloso irmão. Na disputa de interesses entre Marcos e Simão, estabelece-se um dos principais conflitos desta narrativa de características trágicas e de desfecho infeliz. Marcos, enquanto personagem trágico, fará cumprir sua missão com o sacrifício da própria vida.

Em cumprimento de seu destino trágico, Marcos desconsidera tudo que possa afastá-lo de sua obstinada missão. Muitos o alertam do perigo que corre ao desafiar Simão, a própria encarnação do mal. O amigo major de cavalaria José Osório do Amaral o aconselha a refutar a ideia de duelar com Simão, porém ele declina os conselhos do amigo. Seu pai Cristóvão Freire, numa conversa sensata, também tenta convencê-lo a mudar de ideia, contudo o protagonista trágico aferra-se à sua determinação de não ceder covardemente à resolução tomada a favor de Lúcia. Como nas tragédias clássicas, cujos heróis ou heroínas são arrastados para a fatalidade da morte, as muitas tentativas de afastar o jovem do destino trágico resultam inúteis, pois Marcos deseja cada vez mais se aproximar da infelicidade final.

No capítulo V, intitulado *Um solicitador de causas formidável*, traça-se o perfil do capitão José Osório do Amaral, um personagem secundário, mas essencial para a economia da narrativa, pois ele serve de contraponto ao antagonista Simão Peixoto e de defensor da causa do protagonista Marcos Freire. Nas novelas camilianas, as personagens secundárias atuam em função de alguma das figuras centrais da narrativa. Este é o caso de Osório: ele se apresenta como porta-voz de Marcos e, em nome dele, tenta limitar a ação nociva do vilão e deixa bem claro não temer sua vilania. Osório parte em defesa não só de Marcos, mas também de Lúcia Peixoto, irmã de Simão, que é vítima das atrocidades do irmão truculento. O nobre capitão age para libertar Lúcia das atrocidades de um irmão que insiste em negar os direitos da irmã de herdar os bens da família e de seguir os ditames de seu coração em relação à paixão por Marcos.

A história de Lúcia é uma história de absolutos: ela deve cumprir um destino sem volta, incontornável e que deve conduzi-la irremediavelmente à fatalidade. Nas novelas sentimentais camilianas, é muito comum a figura de mulheres que se caracterizam como “mártires do amor”, ou seja, são mulheres sofridas cuja paixão se resume a momentos de dor e tristeza, enfim, uma paixão que as fazem completamente infelizes. Sobre tal situação das heroínas apaixonadas das novelas camilianas, assim se pronunciou Eduardo Lourenço: “Do *pathos* do amor conheceu a fundura e o grito; encontrou [...] algo de mais patético que o grito: o silêncio da paixão, o que não pode ser dito. É o silêncio, amor sem esperança mas não desesperado, humilde e infinito “à maneira portuguesa”” (Lourenço, 1994, p.226).

Nas novelas camilianas, em geral, a solução que se impõe a tais pobres mulheres apaixonadas é o convento. É só recordar o destino trágico de Teresa, de *Amor de perdição*, a mais paradigmática das personagens da ficção passional de Camilo Castelo Branco: a ela coube sacrificar-se num convento. Para Eduardo Lourenço, “o convento torna-se num lugar negativo, o signo de uma expiação social mais do que o refúgio da alma arrependida” (Lourenço, 1994, p. 222). À Lúcia Peixoto, também não será diferente: seu irmão Simão quer trancafiá-la num convento e assim retirá-la da disputa pelos bens da família e de um provável casamento. O convento, para Lúcia, seria a expiação que aquela triunfante sociedade burguesa do Portugal oitocentista, cuja mola principal era o dinheiro, lhe reservaria como saída para o desvario de um coração apaixonado. O convento seria uma espécie de morte em vida para aquela mulher que se deixou envolver pela paixão.

O tema das “razões do coração” em face das convenções e dos baixos interesses de família é um tema recorrente na ficção passional camiliana. Tal temática também se faz presente em *A doida do Candal*: Lúcia não pode amar Marcos, visto que seu inescrupuloso irmão lhe desautorizou amar e ser feliz. Simão, num gesto de egoísmo extremado, quer a fortuna da família só para si e, para isso, deve sacrificar a felicidade de Lúcia e a chance de ela realizar-se plenamente enquanto mulher, num casamento por amor. Em situação semelhante, estaria o casal Marcos e Maria de Nazaré, que vivencia clandestinamente o amor, posto que as tradições de fidalguia e de orgulho de Cristóvão Freire, pai de Marcos, não

permitem a união legal do par amoroso. Os velhos preconceitos provincianos de casta vigentes no Norte de Portugal em meados do século XIX impedem que o casal transite livremente pelas ruas do Porto e, para não afrontar a sociedade preconceituosa da época, vivem isolados na casinha do Candal.

Marcos é um ser que quer morrer. Muitos esforçam-se para demovê-lo de bater-se em duelo com Simão Peixoto: neste intuito, mulheres indomáveis na defesa daquele homem a quem ama, como Lúcia e Maria de Nazaré, fazem de tudo para que ele abdique dessa ideia de sacrificar sua vida num duelo. Homens sensatos, como seu pai e seu amigo Osório, tentam convencê-lo a usar da razão e desistir de duelar. No entanto, a Marcos, enquanto herói trágico criado pelo gênio sentimental lusitano, falta-lhe o equilíbrio emocional de uma racionalidade que se percebe tumultuada pelas paixões avassaladoras. E, dominado por essa querela passional, ele morre pelas mãos injuriosas de Simão. Num lance tipicamente folhetinesco que se caracteriza pela rapidez das peripécias para melhor surpreender o leitor, a morte de Marcos adquire um tom impactante na pena breve do narrador: “A bala de Simão Peixoto bateu em cheio no peito de Marcos Freire. O trespassado, ao cair de borco, ia morto” (Branco, 1980, p. 93).

Uma tragédia demanda outras tragédias: a morte trágica de Marcos suscitou mais uma fatalidade: a loucura que se abateu sobre Maria de Nazaré. Na casinha do Candal, onde vivia alegremente com Álvaro, filho dela e de Marcos, Maria de Nazaré recebe a triste notícia da morte do homem a quem muito amava pela boca de Rosa, sua mãe, que abruptamente repassa-lhe a nova que irá cortar seu coração: “Maria, estás desamparada; venho buscar-te ... O pai de teu filho morreu” (Branco, 1980, p. 97). Sobre os escombros da dor e do sofrimento, Maria de Nazaré não resiste à dura realidade e resvala no abismo da insanidade mental. Diante da situação da pobre mulher, as senhoras da vizinhança “de pronto conheceram que a formosa mãe da loura criança, que lhe tirava pelos vestidos, enlouquecera” (Branco, 1980, p. 98). Sem mais recuperar a razão, aquela mártir do amor encaminhar-se-á tragicamente para a morte.

O drama de Álvaro, órfão de pai e de mãe, traz à tona temas cuja recorrência é marcante na prosa de ficção do autor oitocentista português, ou seja, os temas da bastardia e da orfandade. António José Saraiva e Óscar Lopes perceberam tal

tendência na novela camiliana, quando assinalaram: “Algumas das suas obsessões mais sensíveis serão as da orfandade, sobretudo materna, da infância abandonada, da ternura (ou indiferença) mãe-filho ou pai-filho” (Saraiva; Lopes, s.d., p.814). A insistência nessa temática remete à própria biografia do autor: ele também filho bastardo de um fidalgo com uma mulher do povo e órfão de pai e de mãe ainda na infância. Camilo ficou órfão de mãe aos dois anos e de pai aos dez anos. Tais dados existenciais de sua infância impregnaram o imaginário do novelista que os reflete, como num espelho, na sua obra de ficção. Sobre esse fenômeno da prosa camiliana, Eduardo Lourenço teceu o seguinte diagnóstico:

A ficção de Camilo é a passagem à escrita da sua situação original, a de um excluído do amor em busca de reconciliação. Donde essa obsessão pelas crianças abandonadas, milagrosamente reconhecidas, esses finais de narrativa onde a *família*, na sua ordem divina, se reconstitui e o mundo reencontra o seu sentido (Lourenço, 1994, p. 225).

Em *A doida do Candal*, podemos verificar os temas da bastardia e da orfandade no drama vivido pelo personagem Álvaro. Filho bastardo de Marcos Freire, um jovem pertencente às mais nobres famílias do Porto, e de Maria de Nazaré, uma moça oriunda das classes populares, filha de Tomé Tamanqueiro, Álvaro é desprezado pelo avô Cristóvão Freire, que, preso ao orgulho de fidalgo provinciano, nega a legitimidade da ligação do filho Marcos com uma mulher do povo. O tema da orfandade também se faz presente na vida de Álvaro: ainda em plena infância, ele perde o pai que sucumbe num duelo com Simão Peixoto e, na sequência, perde a mãe Maria de Nazaré, que enlouquece e morre. Órfão, Álvaro será acolhido pelo avô fidalgo e pela madrinha Lúcia Peixoto. Deste modo, o pequeno órfão safa-se da infelicidade de padecer num orfanato e desfruta, ao contrário, uma vida de menino mimado pelo avô e pela madrinha. A bastardia e a orfandade, motivos de vulnerabilidade social, converte-se, romanticamente, no caminho para uma vida feliz.

Na perspectiva romântica, o desvio de conduta moral implica sempre uma punição. Em *A doida do Candal*, situemos o caso de Maria de Nazaré como emblemático: ela desgosta seus pais ao fugir de casa para conviver com Marcos, um rapaz da aristocracia portuense, sem os laços matrimoniais, apenas como uma

concubina daquele jovem nobre. Por esta grave falha de comportamento que iria contrariar os princípios da moralidade vigente na sociedade portuguesa da época do Romantismo, Maria de Nazaré será devidamente punida. Punição que se revela no afastamento social, posto que ela passa a residir fora da cidade, no isolamento do sítio do Candal, e, desprezada pela sociedade portuense, é vítima de comentários maliciosos que a reduzem à postura de uma mulher vulgar e desonrada. Entre os que a vilipendiam, está Cristóvão, pai de Marcos, que, aferrado aos costumes de uma velha aristocracia, circunscreve-lhe a condição desprezível de “filha de Tomé Tamanqueiro”.

Na moral romântica, a culpa requer uma punição. Nas rodas formadas pelas senhoras da fina sociedade local, é comum ouvir-se comentários de teor punitivo sobre Maria de Nazaré: “raparigas, ponde os olhos na doida do Candal. Aquela está a pagar os desgostos que deu a seus pais ...” (Branco, 1980, p. 118). Na voragem daquelas línguas impiedosas, representativas de uma sociedade intolerante e preconceituosa, a jovem concubina de Marcos Freire deve ser eliminada por ter desafiado a rigidez moral de uma sociedade que sabe exemplarmente punir aos que ousam transgredir suas normas sociais. Maria de Nazaré é severamente punida: desumanizada, perde o nome que a dignifica e é agora vista apenas como “a doida do Candal” e, para maior pena à infração cometida, enlouquece e morre. Na observação de Eduardo Lourenço:

O esquema maldito e fascinante da *culpa* e do *castigo*, da queda e da expiação, que é o esquema central de toda a ficção camiliana. Esquema cuja função não é senão a de exprimir a necessidade profunda de sofrimento, quase de gozo na infelicidade, fora da qual a própria vida parece manchada de tédio e sem valor (Lourenço, 1994, p. 225).

Em *A doida do Candal*, há três núcleos narrativos, quais sejam: a história de Maria de Nazaré, a de Marcos Freire e Lúcia Peixoto e a de Simão Peixoto e Sóror Margarida das Dores. A partir do capítulo XXVII, intitulado “História necessária”, Camilo Castelo Branco, valendo-se da fluidez da novela romântica, dá novo encaminhamento à narrativa e inicia os episódios que irão compor a história da relação amorosa entre a freira Margarida das Dores e Simão Peixoto. Segundo Alexandre Cabral, a história do rapto e do posterior abandono de uma freira por um

jovem militar tratava-se de um projeto antigo do romancista português, que, em conversa com António Feliciano de Castilho, anunciara que escreveria sobre a paixão de uma freira. De freira, entendia Camilo, pois ele mesmo teve uma aventura amorosa com a freira Isabel Cândida. O romance da freira não chegou a constituir um livro independente como fora cogitado por alguns críticos literários, visto que o plano romanesco original fora modificado, e a história de Sórora Margarida das Dores inserida na novela *A doida do Candal*.

Numa narrativa analéptica de acontecimentos da vida de Simão Peixoto, cuja morte já fora narrada ao leitor em capítulos anteriores, o narrador retomará o antagonista para contar o caso do envolvimento sentimental dele com a freira Margarida das Dores, que nos será apresentado a partir do capítulo XXVII. O narrador, consciente de que fará a narrativa retroagir para fatos que ficaram nas curvas do passado do vilão, alerta: “temos de remexer na sepultura de Simão Salazar Peixoto” (Castelo Branco, 1980, p. 121). Após falar da “péssima nomeada” que caracteriza Simão, o narrador, então, irá esclarecer como o alfares de Chaves veio a conhecer Margarida, que iria ser freira clara no mosteiro de Nossa Senhora dos Anjos, e de como ele a conquistou amorosamente, fazendo com que ela abandonasse seus planos de entrar para o convento.

Sob o poder sedutor do oficial de Chaves, Margarida fugiu do convento. Uma freira amiga bem que a havia alertado: “por aí dizem que ele tem bisouro. Sabes o que é bisouro, Mimi? É ter varinha de condão para enfeitiçar corações” (Branco, p.124). Margarida não resistiu aos encantos de Simão e fugiu com ele para habitar uma casa isolada na crista do Marão. Efetuada a conquista, passados quinze dias, Simão “não podia com o tédio” e gostaria de livrar-se da situação de clandestino a fugir da polícia por ter roubado uma freira do convento. No entanto, uma solução não tardou a vir: “um amigo de Peixoto fez correr em Chaves que a freira tresmalhada do redil se deixara levar de um francês do exército de Loyson” (Castelo Branco, 1980, p.130). Simão, enfim, encontrou o alívio momentâneo para seus tormentos.

E chegou a primavera e, com ela, a notícia de que Margarida estava grávida. Margarida das Dores irá viver seu calvário particular, visto que Simão recebeu a novidade com tristeza e visível desgosto. Ela nutria a esperança de que “o filho trouxesse do céu coração a seu pai”. Mas, na visão maniqueísta traçada pelo mestre

da novela passional, Simão era um sujeito sem coração, ou seja, não possuía a capacidade de amar. Amar é um dom dado a almas romanticamente buriladas pelo sofrimento, dom jamais permitido a um reles destruidor de corações. Afinal, para Eduardo Lourenço,

no fundo, as histórias de amor de Camilo são, no sentido mais grave, *histórias de salvação*, centradas numa *paixão* de aparência estritamente humana, mas que acaba por se descobrir, encarnando-se, confrontando-se com a realidade do mundo, como reflexo, ao mesmo tempo sublime e degradado, da vida como *Paixão*, ou seja, como *sacrifício redentor* (Lourenço, 1994, p. 223).

Para Margarida das Dores, chegou o tempo dos “olhos nunca enxutos” como se referiu Camões à Inês de Castro em um dos cantos de *Os Lusíadas*. A suprema vilania de Simão Peixoto atingiu o ápice na carta que ele escreveu à sua concubina, na qual determina que a sofrida mãe largue sua filha na roda dos enfeitados de Lamego. Para Margarida, era muita crueldade vinda do pai da criança, a quem deveria proteger e amar. Foram testemunhas dessa cena de superior perversidade a serva Escolástica, com quem Margarida vivia, e o abegão que fizera chegar a carta de Simão à foragida do convento. A eles, Margarida escolhe para padrinhos de sua filha. E, sobre esse episódio, conclui o narrador: “A criança foi batizada sem nome de pai nem mãe. Os padrinhos disseram ao vigário que toparam a menina à beira do caminho público, e ficariam com ela já que a tinham encontrado (Castelo Branco, 1980, p.134).

No entanto, as dores de Margarida não param por aí, afinal, quando o diabo não vem, envia seu secretário. Foi o que ocorreu no capítulo XXXI, intitulado *Mais um degrau*: Simão enviou à casa dos Padrões da Teixeira, onde habitavam Margarida e sua filha, um frade antonino, cuja vileza assemelha-se à daquele que serviria de porta-voz. Ao frade, cabia a missão de capturar a freira fugitiva e levá-la de volta ao convento. Margarida foge com a filha e esconde-se na floresta. A serva Escolástica dissuade o frade ao dizer que não a encontrou na mata e que ela deveria ter se jogado fraga abaixo!... E, como o tempo não para, chegamos ao ano de 1818, quando Margarida envelhecida nas brenhas da serra, ao lado da filha, chamada Júlia da Soledade, soube da morte de Simão Peixoto. Então, resolve

deixar o isolamento da casa do Marão e morar no Porto, numa casa alugada e mais que modesta na rua das Aldas, nas vizinhanças da catedral.

Porém, Margarida não se livra das dores que a tornam uma eterna “mártir do amor”. No Porto, irá trabalhar incansavelmente até adoecer, posto que,

no Marão, ao menos, tinha sobejas horas de dormir e puríssimo ar. Ali o respirar das insalubres sentinas da cidade velha, a permanência contínua em casa, por medo de que a reconhecessem, acaso, parentes ou conhecidos, infeccionaram-lhe os pulmões (Castelo Branco, 1980, p.140).

Chegou o tempo da fome. Impossibilitada de trabalhar, diante da vulnerabilidade social em que se encontra, Margarida das Dores conhece a miséria daqueles que não têm o que comer. Escolástica, a serva fiel, vai à luta e, na árdua tarefa de mendigar, traz o pão para matar a fome da sua infeliz patroa e de sua pequena filha. Num lance de astúcia, a velha serva, levando consigo Júlia, dirige-se à casa de Cristóvão Freire, onde Lúcia Peixoto estava hospedada. Numa cena de reconhecimento, característica das tragédias clássicas, a serva revela à Lúcia que a pequena Júlia é sua sobrinha, filha de seu irmão Simão Peixoto com a freira Margarida das Dores, aquela infeliz mulher que fora raptada do convento por seu malvado irmão. Comovida com a história, Lúcia encarrega-se de ajudar a pobre órfã e sua desgraçada mãe.

Dos três núcleos presentes em *A doida do Candal*, a história de Margarida das Dores é a última a nos ser contada como desenlace de uma obra que se quer impregnada de amores infelizes e de mulheres sofredoras. A apaixonada freira do convento de Nossa Senhora dos Anjos, mais uma heroína romântica das novelas passionais de Camilo Castelo Branco, renunciou a paz da vida monacal ao se deixar seduzir por um jovem de mau caráter, famoso por desencaminhar mulheres imprudentes. Margarida provará o fel da angústia de amar e ser desprezada pelo homem que elegeu objeto de seu amor. A desgraçada freira conhecerá a dor do abandono, da rejeição da filha pelo pai, da miséria que a fará passar fome e frio, enfim, vivenciará o sofrimento gerado por um amor sacrílego e socialmente condenado pela moralidade burguesa reinante no Romantismo. Nos dizeres dos críticos portugueses António José Saraiva e Óscar Lopes,

Camilo não mais abandonará de todo este esquema, que se relaciona com a idealização de uma como que “religião do amor”, na qual as aspirações ideais (o “prelibar de bem-aventuranças”) só podem recortar-se contra um fundo trágico de impossibilidades sociais, ou de crimes e sacrilégios (Saraiva; Lopes, s.d, p. 817).

Nas novelas passionais do gênio sentimental lusitano, a paixão é o tema fundamental. Sobre a temática da passionalidade nas obras do autor português, Eduardo Lourenço tecera o seguinte comentário: “ainda que a sua ficção [de Camilo Castelo Branco] gire quase inteiramente em redor de um só tema – o da paixão – fonte de todas as felicidades e de todas as infelicidades” (Lourenço, 1994, p.220). A construção de obras românticas pautadas na dor torna-se evidente no perfil das três protagonistas de *A doida do Candal*, a saber: Maria de Nazaré, Margarida das Dores e Lúcia Peixoto. Todas elas mulheres cuja paixão arrebatadora a farão sofrer e vivenciar situações trágicas de muita dor e de muito padecimento. Mais uma vez é Eduardo Lourenço a nos apontar a inclinação ficcional de Camilo Castelo Branco pela dor ao constatar: “mas por este gosto, por assim dizer inato, da infelicidade no coração da vida, ele resume e cumpre em termos espectaculares uma vocação de tristeza e um gosto imemorial pelo sofrimento, ancorados no mais profundo da sensibilidade portuguesa” (Lourenço, 1994, p. 225).

Maria de Nazaré é só sofrimento. Sua história infeliz tem início ao cometer um erro trágico que transformará sua vida pacata de moça recatada: fugir de casa para coabitar com um jovem da elite social portuense, da qual ela, uma garota pobre, mantinha-se apartada. Para não afrontar ainda mais a sociedade local, Maria de Nazaré será banida da cidade para viver numa casinha do Candal, longe de tudo e de todos. Nasce-lhe um filho, mas morre-lhe o amante. Abortada a prometida felicidade conjugal, não irá suportar a morte do amado, por quem arriscou sua vida, e cairá nas sendas obscuras da perda da razão. Perde a razão e, com ela, o nome de alta virtude que a relacionava à figura bíblica da mãe de Jesus, e assim, de forma pejorativa, irá ser alcunhada doravante de “a doida do Candal”. E, no abismo da loucura, da qual não conhecerá salvação, morre melancolicamente, conforme atesta o narrador: “Luzira a aurora da eternidade naquelas trevas. Fez-se dia sem fim na alma de Maria de Nazaré” (Castelo Branco, 1980, p.157).

Margarida das Dores é só amargura. A infeliz freira de Chaves também cometeu um erro trágico que irá infernizar sua vida: seu coração apaixonado sucumbiu aos encantos de Simão Peixoto, então, ela, rompendo seu compromisso com a vida conventual, deixa-se ser raptada pelo vilão da história. A freira apaixonada terá uma vida clandestina de uma infratora das regras da clausura e viverá distanciada dos olhares curiosos na quinta da Teixeira para onde a levou o amante. Entretanto, o Cupido logo abandonou o coração do amante, que não quer saber da filha que lhe nascera nem da amante que se torna um estorvo, pois ele deve viver sob constante vigilância para não ser trancafiado pelo crime do rapto da freira. Simão morre, e as infelicidades de Margarida aumentam: ela deixa o campo e vai viver na cidade, na pobreza de uma casinha no Porto. Enfim, num gesto de caridade de Lúcia Peixoto, ela, sua filha Júlia da Soledade e sua abnegada serva Escolástica são admitidas no seio da família de seu falecido amante Marcos Freire. Contudo, Margarida não saboreia a taça da felicidade, ao contrário, ela opta por uma vida de penitência a fim de purgar seus inúmeros pecados. E tantas foram as penitências que a levaram à morte como um fim óbvio de uma vida trágica.

Lúcia Peixoto é a chama triste do amor. Ao contrário de Maria de Nazaré e de Margarida das Dores, que tiveram uma experiência de concubinato com seus amantes, Lúcia cultivou uma espécie de amor platônico por seu primo Marcos Freire. Ela o amava à distância, pois estava consciente de que não poderia casar com ele, posto que ele havia roubado uma jovem a quem devotava grande amor e montado uma casa para ela. Dessa união ilegítima, havia nascido um menino chamado Álvaro, objeto de sua afeição. Além desses obstáculos comuns aos enredos das novelas românticas, havia os agravantes criados pelo irmão Simão: ele, numa atitude de ambicioso desmedido, havia determinado que a irmã iria para o convento e eliminaria assim a possibilidade da irmã contrair matrimônio e dividir o patrimônio familiar com ela. Com a morte de Marcos e de Simão, Lúcia desdobra-se em ações caritativas a favor tanto de Maria de Nazaré e de Álvaro, de quem era madrinha e uma espécie de substituta da mãe inválida, quanto de Margarida e Júlia, a quem acolheu junto a si, no abrigo de seu lar. Lúcia poderia ter casado com Osório, amigo da família, mas o casamento de conveniências, sem o fogo da paixão, não agradava àquela alma sentimental, presa aos devaneios de um romantismo de exaltação do

amor. No desenlace, o narrador, ao informar o leitor da morte dela, transborda em admiração pela heroína que possuía uma alma resplendente de ouro.

Em *A doida do Candal*, temos uma tragédia de final feliz, à moda de Eurípedes. Nesta novela camiliana, muitas foram as situações trágicas que envolveram personagens como Maria de Nazaré, Marcos Freire, Margarida das Dores e Simão Peixoto. No entanto, no desfecho, há um núcleo feliz que surpreende o leitor mais desavisado das peripécias românticas: Álvaro casa-se com Júlia. Júlia é filha de Simão, assassino do pai de Álvaro. Na novela passional camiliana, o impossível acontece, pois o que poderia ser fonte de conflitos e desgastar uma relação amorosa é motivo de felicidade e de contentamento. No desfecho, Álvaro, agora um senhor de seus cinquenta anos, informa ao narrador que havia casado com Júlia da Soledade e que tivera somente filhas, e estas, casadas, lhe deram netos. O desenlace da narrativa encaminha-se para um final feliz: superadas as tragédias que abalaram aquela família, Álvaro e Júlia vivem felizes na quinta da Teixeira. Na perspectiva romântica camiliana, o amor tem a capacidade de vencer toda infelicidade.

A prosa de ficção camiliana, de cujo exemplo aqui observado é a novela *A doida do Candal*, constitui o retrato da gente portuguesa. Eduardo Lourenço percebeu tal singularidade do texto do mestre lusitano da novela sentimental quando escreveu: “Unamuno viu nele a encarnação da intimidade original da alma portuguesa com a Dor e o Sofrimento” (Lourenço, 1994, p. 219). De fato, o povo português, em especial o do Norte de Portugal, das províncias do Minho e Trás-os-Montes, está bem representado na obra camiliana: são figuras populares tanto do campo como da cidade, seja o fidalgo com sua visão de mundo aristocrática, seja o humilde servo a fazer do trabalho sua maneira digna de viver honestamente, enfim, da pena camiliana emerge essa gente que compunha o Portugal dos meados do século XIX. Sobre o universo peculiar à prosa de ficção do escritor oitocentista português, assim se posicionou Eduardo Lourenço:

Camilo escolhe com temas de eleição figuras, dramas, casos, acontecimentos, ligados ao velho mundo dos morgadios, dos capitães-mores, da liteira, das cabeleiras empoadas, mundo de fidalgotes ou de liberais conservados na ignorância e no orgulho, abades mais ou menos letrados mas enraizados em costumes arcaicos, profundos conhecedores

do coração e da vida das suas ovelhas e bastante próximos delas (Lourenço, 1994, p. 220).

O célebre novelista lusitano mantém uma ligação bem estreita com as criaturas que orbitam seu universo literário de tal modo que, “vibrando em uníssono com as personagens, não se coíbe de intervir na “história” como comentador apiedado, indignado ou sarcástico”, conforme anotou Jacinto do Prado Coelho (Coelho, 1997, p. 162). Em *A doida do Candal*, é comum a intervenção do narrador que se intromete para tecer comentários ou dirigir-se à pessoa do leitor. Numa postura típica do narrador intruso, ele se manifesta: “Deixemos em conferência os quatro juízes do tribunal de honra e sigamos ao Candal Marcos Freire (Castelo Branco, 1980, p.83). E mais adiante, o narrador que se recusa a permanecer distanciado intervém a fim de conduzir o leitor para dentro das peripécias que agitam a narrativa:

Vamos ao Candal. Aqui há que chorar sem que algum incidente nos provoque uma ironia; aqui a desgraça desborda de sua enchente; vê-se o que é pior que a morte a fogo lento; e não acabamos de entender como Deus tem criado angústias assim e como valem forças humanas a comportá-las (Castelo Branco, 1980, p. 96).

Na obrigação de escrever para sustento de sua família, sobretudo depois que lhe nasceram os dois filhos que teve com Ana Plácido, Camilo Castelo Branco se submetia a um exaustivo trabalho para atender à demanda dos editores, que lhe exigiam mais e mais livros, num prazo de tempo muito curto. Nesta pressa de escrever, sem que pudesse retornar ao texto para as necessárias revisões, o autor lusitano cometeu muitas incoerências estruturais como, por exemplo, em *A doida do Candal*, a mãe de Heitor é chamada a princípio de Dona Eduarda para, em seguida, ser denominada de Dona Felicíssima. Tudo isso poderia ter sido evitado caso houvesse tempo para uma rigorosa revisão textual. Nessa ânsia que compelia Camilo Castelo Branco a produzir sem o trabalho de burilar o texto, Jacinto do Prado Coelho destacou alguns pontos que acabaram por fragilizar a obra do mestre português: “A pressa da redação, com vista ao lucro imediato (daí a repetição de temas, o folhetinesco, as deficiências de estrutura, e até a sujeição ao gosto e às normas éticas do seu público) (Coelho, 1997, p.161).

## 5 CONCLUSÃO

A opção pela infelicidade é uma marca das novelas passionais camilianas. Em *A doida do Candal*, não seria diferente: temos a história de uma paixão que chega às raias da loucura. Maria de Nazaré é uma “mártir do amor”, uma mulher apaixonada que, dominada pelas “razões do coração”, lança-se de corpo e alma na aventura amorosa que a conduziria à infelicidade junto a Marcos Freire, o homem escolhido por seu coração inconsequente. Entretanto, na mesma novela de Camilo Castelo Branco, deparamo-nos com um par amoroso Álvaro e Júlia, que, hauridos da infelicidade que marcou a vida trágica de seus pais, constitui um casal que saboreia a felicidade de um casamento aos moldes do Romantismo, abençoado pela imaginação prodigiosa do gênio sentimental lusitano. Afinal, para Camilo Castelo Branco, no abrigo mais recôndito do coração, pode brilhar a mais autêntica das felicidades.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. São Paulo: Paulus, 2001.

CABRAL, Alexandre. **Dicionário de Camilo Castelo Branco**. Lisboa: Caminho, 1989.

CASTELO BRANCO, Camilo. **A doida do Candal**. São Paulo: Cultrix, 1980.

COELHO, Jacinto do Prado. **Introdução ao estudo da novela camiliana**. 2. ed. Lisboa: INCM, 1982.

LOURENÇO, Eduardo. Situação de Camilo. *In*: LOURENÇO, Eduardo. **O canto do signo: existência e literatura (1957-1993)**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. Camilo Castelo Branco. *In*: SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. 16. ed. Porto: Porto, s.d.